

Participação das Crianças na Ceia do Senhor: Avanço Aparente

Marcos Kruse

A discussão em torno da participação de crianças na Ceia do Senhor já se arrasta por bom tempo. Documentos e artigos¹ (até onde pude constatar), de caráter unilateral², procuraram defender a participação das crianças na Ceia do Senhor. Neste artigo pretendo demonstrar por que e em que medida sou contra esta participação.

Nosso arrazoado estriba-se no artigo de L. C. Hoch, mencionado na nota nº 1. O artigo é bastante claro e apresenta bons argumentos em favor da tese por ele defendida. Apesar disto, na tese de nº 4 Hoch aborda (de modo insuficiente) a estreita vinculação entre a Ceia do Senhor e o Batismo e afirma que “a argumentação teológica toma um rumo diferente no momento em que se questiona o Batismo de infantes”³. Quer dizer, a discussão sobre aspectos da Ceia do Senhor *não pode ser dissociada* de uma reflexão conjunta sobre o Batismo. As questões que levantarei aqui me colocarão no grupo de pessoas para as quais “argumentar em favor da participação de crianças na Santa Ceia a partir do Batismo de infantes poderá ser entendido como uma tentativa de justificar uma prática controvertida mediante uma outra prática igualmente discutível”⁴.

É necessário que se compreenda bem a estrutura da lógica à qual me reporto. Vou exemplificar a temática através de um silogismo bem conhecido, para então aplicá-lo ao problema em questão. Então, vejamos:

- | | | | |
|----------|---|----------|---|
| A | 1. Maria é mãe de Jesus.

2. Jesus é Deus.

3. Logo, Maria é mãe de Deus. | B | 1. Os batizados podem participar da Ceia do Senhor.

2. As crianças (na IECLB) já são batizadas enquanto pequenas.

3. Logo, crianças podem participar da Ceia do Senhor. |
|----------|---|----------|---|

No caso dos silogismos **A** e **B**, uma vez que se aceite as premissas como verdadeiras, por definição também serão verdadeiras as respectivas conclusões. Todavia, as premissas menores, em ambos os casos, não estão isentas de gravíssimas dificuldades.

A formulação de **A** (mãe de Deus) é proveniente do Concílio de Calcedônia⁵ (451 d.C.). A discussão deste tema em Calcedônia foi acalorada, pois os termos empregados não estiveram ao agrado de todos os conciliares. A decisão conciliar final foi, infelizmente, a mais errônea possível, pois des-

considerou os resultados conciliares anteriores sobre o tema. Na verdade, o concílio não se apercebeu de que concílios anteriores (inclusive o de Éfeso) não confirmavam a cristologia da natureza *unicamente divina* de Cristo, mas, sim, a da *união de duas naturezas* em um mesmo Cristo. Diremos de forma transparente: *Jesus não é Deus*; ele é, conforme os concílios gerais primitivos, um *homem-Deus*, se é que se pode utilizar esta terminologia. Portanto, a frase “Maria é mãe de Deus” é proveniente de um erro de lógica em que se desconsiderou a amplitude de alcance da premissa menor.

O mesmo erro está presente no silogismo **B**. O Batismo de infantes somente garantiria a participação das crianças na Ceia do Senhor enquanto o mesmo não for objeto de questionamento. Caso pesem dúvidas sobre a prática batismal de infantes, não há como esperar que esta prática possa fundamentar a participação das crianças na Ceia do Senhor. A questão realmente importante nesta discussão é o Batismo, não a Ceia, pois esta é derivada daquele. Hoch percebeu claramente esta questão, tanto que evitou a discussão sobre o problema batismal. Porém, desta forma, pressupôs a validade da premissa menor e atribuiu-lhe alcance suficiente para fundamentar a conclusão. Somente se, no caso que nos interessa (o silogismo **B**), *forem aceitas as premissas*, não há como negar a exatidão da conclusão. Aliás, pela estrita argumentação lógica, fundamenta-se adequadamente a participação das crianças na Ceia do Senhor. Então, quais seria(m) o(s) objetivo(s) perseguido(s) por esta alteração prática convencional da IECLB (de aceitar para a comunhão da Ceia apenas os confirmados?). Podemos mencionar⁶:

1. Restituir a coerência entre as práticas batismais e eucarísticas.
2. Ressaltar os aspectos da comunhão e celebração, aspectos essenciais da eucaristia, através da participação inclusiva das crianças.
3. Enfatizar os laços familiares no culto e na celebração.
4. Aprimorar as relações ecumênicas, pois algumas igrejas já admitem as crianças à eucaristia (como no caso da igreja ortodoxa).

Basta aqui um rápido comentário sobre estes objetivos. O primeiro está sendo objeto de investigação neste artigo. O segundo e o terceiro querem aduzir a questões de ordem prática: querem propor renovação comunitária e o instrumental para esta renovação seria a eucaristia infantil inclusiva. O quarto objetivo é dependente da resolução convincente dos outros três, pois, como o próprio Hoch reconhece, ecumenicamente precisamos reconhecer que “as igrejas de tradição batista (...) têm uma posição diferente a respeito do assunto”⁷.

A essência da discussão trata das questões práticas! O objetivo fundamental é renovar a igreja através da renovação da práxis. Não se trata tanto de atacar terríveis contradições teológicas, mas de encontrar formas de vivenciar comunitariamente o *Evangelho que está sendo pressuposto como realidade dada no Batismo de infantes*. Ora, tal pressuposição revela-se de caráter idealista no confronto com a existência concreta das comunidades luteranas⁸.

Alguns conceitos embutidos nestes objetivos mencionados acima são, assim suspeito, extremamente reacionários. Querer reforçar os laços familiares (numa sociedade em que estes são paulatinamente desintegrados) através de ritos eclesiais sacramentais é uma síndrome de retorno ao passado. Seria algo como sugerir aos favelados urbanos que estes retornem ao campo⁹. A participação das crianças na Ceia do Senhor parece querer garantir o ambiente colonial paradisíaco do luteranismo dentro das novas realidades urbanas. Em suma, ao invés de enfrentarmos teologicamente os desafios da urbe, fugimos dela com um retorno ao campo. É evidente, todavia, que o húmus em que deve gravitar a teologia atual é a realidade urbana¹⁰. É imperativo que a práxis da igreja responda à problemática presente e futura de modo realista.

Na verdade, a participação das crianças na Ceia do Senhor não proporcionará qualquer avanço teológico para o luteranismo. Trata-se de uma discussão pobre em propostas realmente transformadoras. A realidade urbana exige posicionamentos *existencialmente* definidos, práticas *reorganizadoras* da desintegração e do caos urbano (em ambos os casos falamos de adultos). Neste sentido, a experiência de meio século das igrejas pentecostais é decisiva¹¹. A verdadeira revolução e avanço teológico está na discussão da prática batismal luterana, pois o Batismo é fundamento da participação no corpo de Cristo. O “x” da questão não é a *participação das crianças* na Ceia, mas é a *participação dos batizados* nela. Advogo a prática do Batismo para adultos e, neste sentido, todo empenho da igreja será uma batalha realmente importante.

Este é um artigo que versa sobre a participação das crianças na Ceia do Senhor e não sobre o Batismo. Por essa mesma razão, espera-se que este artigo sirva de impulso para novos debates em torno do assunto¹².

Para finalizar, gostaria de questionar a argumentação proposta por Hoch, considerando o seguinte: no caso de crianças não-batizadas (o que é perfeitamente possível), qual é a validade da argumentação “sentimentalista” (estreitamento de laços familiares, crianças e seus estágios da fé, etc.) utilizada por Hoch? Crianças não-batizadas podem participar da Ceia?

Dependendo da resposta¹³ a esta pergunta é que se poderá avaliar a relevância dos objetivos perseguidos pela alteração na prática da Ceia do Senhor com a inclusão das crianças.

Referências Bibliográficas

- ALTMANN, Walter. Sacramentos, Túmulo ou berço da comunidade cristã. In: *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, Faculdade de Teologia, 3:127-142, 1980.
- BIEHL, João G. Crianças participam da Santa Ceia na igreja de San Pablo. In: *Jorev*, São Leopoldo, 19 jan.-8 fev. 1986.
- DE BRAVO, Afirmação de Valle. Em busca da paz da cidade. In: *Boletim Teológico*, Fraternidade Teológica Latino-Americana, 9:5-11.

- FLUCK, Marlon Ronald. Modelos históricos de missão numa sociedade industrial. In: *Boletim Teológico*, Fraternidade Teológica Latino-Americana, 9:29-56.
- HOCH, Lothar C. Celebração da Santa Ceia com crianças. In: *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, 2:163-169, 1987.
- JOREV, São Leopoldo: 20 jan.-9 fev. 1991.
- LOHSE, Bernhard. *A fé cristã: através dos tempos*. 2. ed., São Leopoldo, Editora Sinodal, 1963, pp. 77-106.
- STEUERNAGEL, Valdir. Nínive: o encontro de uma cidade com a compaixão. In: *Boletim Teológico*, Fraternidade Teológica Latino-Americana, 9:12-22.
- WAGNER, Peter. *Cuidado! Aí vêm os pentecostais*. Miami, Editora Vida, 1973, 191 pp.
- WALKER, Williston. *História da igreja cristã*. Vol. I, Rio de Janeiro/São Paulo, JUERP /ASTE, 1967, pp. 189-200.

Notas

- 1 Lothar C. HOCH, Celebração da Santa Ceia com crianças, in: *Estudos Teológicos*, 2:163-169, 1987; João G. BIEHL, Crianças participam da Santa Ceia na igreja de San Pablo, in: *Jorev*, 19 jan-8 fev. 1986, p. 8; *Jorev*, 20 jan.-9 fev. 1991, p. 16. No artigo de HOCH aparecem alguns artigos em língua alemã aos quais não tive acesso. Intuo, porém, que alguns deles, já por seus títulos, tratem positivamente a questão da participação das crianças na Ceia do Senhor.
- 2 Falo aqui "unilateral", pois creio ser este o primeiro artigo teológico a se posicionar contra a dita participação das crianças.
- 3 HOCH, *op. cit.*, p. 164.
- 4 IDEM, p. 164.
- 5 B. LOHSE, *A fé cristã através dos tempos*, pp. 77-106; W. WALKER, *História da igreja cristã*, vol. I, pp. 189-200.
- 6 Baseio-me aqui apenas no artigo de HOCH. Outros objetivos talvez ainda poderiam ser arrolados, mas esta não é a intenção fundamental deste artigo.
- 7 HOCH, *op. cit.*, p. 169.
- 8 Isto já foi salientado por W. ALTMANN, Sacramentos; Túmulo ou berço da comunidade cristã, in: *Estudos Teológicos*, 3:127-142, 1980. Observa ele, referindo-se à prática do Batismo indiscriminado (é a práxis normal): "Suspeito (...) que o batismo de lactentes é o meio mais eficaz de manter os membros na igreja institucional, mesmo quando já bastante indiferentes." (P. 140.)
- 9 É incrível, mas este tipo de proposta aparece com frequência. A experiência da Reforma Agrária no Peru sob o regime de J. Velasco Alvarado atesta que tais idealismos são idealismos; não têm base nas reais atitudes humanas. Quem teve acesso ao arroz e feijão empacotado do supermercado não vai retornar ao plantio direto para garantir o próprio consumo e sustento.
- 10 Como alguns acertadamente já perceberam. Cf. afirmação de Valle DE BRAVO, Em busca da paz na cidade, in: *Boletim Teológico*, 9:5-11; Valdir R. STEUERNAGEL, Nínive: o encontro de uma cidade com a compaixão, in: *Boletim Teológico*, 9:12-22; Marlon Ronald FLUCK, Modelos históricos de missão numa sociedade industrial, in: *Boletim Teológico*, 9:29-56 (artigo publicado anteriormente em *Estudos Teológicos*, 2:187-217, 1988).
- 11 Peter WAGNER, *Cuidado! Aí vêm os pentecostais*, 191 pp.
- 12 Aliás, é de se estranhar a completa omissão que tem caracterizado os maiores movimentos presentes na IECLB (Encontrão e Repartir Juntos) neste particular, ainda mais por-

que a temática trata de questões viscerais para a transformação (tema de ambos os movimentos) integral da igreja.

- 13 E não creio que seja possível dar uma resposta imediata a esta pergunta. Os desdobramentos teológicos são muitos e contêm uma série de implicações de alto risco. A eclesiologia seria afetada de tal modo que é melhor, por cautela, evitar este problema.

Marcos Kruse
Caixa Postal 1281
87100 Maringá — PR